

AS DIFICULDADES DO ACESSO DE PESSOAS TRANSEXUAIS NO ENSINO SUPERIOR: TRANSFOBIA, FAMÍLIA E RACISMO

CARDOSO, Adriane; RAMOS, Alexia; LUIZ, Ana;
OLEGARIO, Nicolý; TRÁPAGA, Rafaela.

SEIBEL, Bruna
nicoly.olegario.furg@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Palavras-chave: Acessibilidade; Escolaridade; Transexualidade; Raça; Família.

1. Contexto do relato

Este trabalho de pesquisa objetivou analisar as adversidades sofridas pelo grupo de pessoas transexuais, e os fatores que complexificam seu acesso e permanência nas instituições universitárias, avaliando os núcleos familiar, escolar e social com recorte racial. Por meio de um estudo quantitativo, e com o auxílio da literatura científica, catalogamos e investigamos os papéis de cada ponto do ciclo de exclusão.

Sua relevância existe em representar uma forma de visibilidade para a população trans através do questionário de relato de experiência pessoal que demonstrou a desigualdade e transfobia dentro do molde de (necro)política vigente que impede o acesso de determinados grupos às instituições que (apenas) em tese são de acesso a todos.

Foi realizado como uma atividade de ensino, por isso não passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Concluído por um grupo de cinco alunas do primeiro semestre de 2023 do curso de Psicologia, dentro das disciplinas de Metodologia Científica Aplicada à Psicologia e Estatística Básica I da Universidade Federal do Rio Grande. O tempo de duração da produção deste trabalho foi um semestre letivo (março a julho de 2023).

2. Detalhamento das atividades

No período que corresponde entre o final de março (somos todas calouras, então passamos por um período de acolhimento da universidade antes que as aulas começassem de fato) e as duas primeiras semanas de abril, começamos o projeto com a definição do tema escolhido e pesquisa de literatura científica com escolha de um artigo¹ base para criarmos uma concepção inicial do tema. Entre as últimas semanas de abril e a segunda semana de maio desenvolvemos a introdução com base no artigo selecionado. A próxima etapa (final de maio) foi elaboração dos objetivos, hipóteses e método: delineamento, participantes (amostra), critérios de inclusão e exclusão. Na primeira semana de junho fizemos a construção dos itens do questionário, elaboração do questionário no Google Forms e a aplicação do questionário. Dentro do período de aplicação tivemos aulas sobre o estilo APA (Associação Americana de Psicologia em inglês) e divulgação científica.

No final de junho já com os dados obtidos pelo questionário começamos a escrita das seções Discussão e Resultados, e Considerações Finais, o que demorou até as últimas semanas de julho.

A disciplina de Estatística Básica I entra aqui com aulas semanais sobre conceitos básicos da estatística que permitiram a análise das respostas.

3. Análise e discussão do relato

A partir da etapa de consulta da literatura científica, percebemos que existem situações de violência velada que dificultam o reconhecimento e confirmação dessa violência, o que também representa um obstáculo para desenvolver uma ação direta para combatê-la². Em concordância, percebemos que 11 pessoas (45,83%) dos não acessantes que responderam o questionário declararam que nunca sofreram transfobia no contexto estudantil, e a pequena parcela do grupo que sofreu afirma ter sido praticada por colegas (25,92%). Quando na presença da equipe escolar, 25,92% afirmaram que não foram promovidas medidas de acolhimento ou responsabilização.

Sobre apoio familiar, concluímos que o rompimento da base de cisgeneridade da sociedade agrega na diversidade de valores culturais e considerados modelos dos

grupos sociais³. No entanto, os dados obtidos geraram uma informação diferente, pois outros tipos de apoio, como político/jurídico e financeiro aparecem com mais relevância, o que mostra que em essência é necessário todo um complexo de incentivos⁴.

Incluimos a questão do racismo dentro da discussão sobre transfobia devido aos índices extremamente discrepantes da violência sofrida por travestis pretas, principalmente dentro do contexto de prostituição. Notamos que nesse âmbito de interseccionalidade (escalonamento da exclusão em conformidade com os marcadores sociais de um indivíduo) houve a demanda de um movimento transfeminista negro que contemplasse as complexidades da vida da mulher trans negra: o FONATRANS⁵.

Os dados obtidos com as questões que abordam especificamente escolaridade revelaram uma possível relação entre momento da transição e êxito na entrada no ensino superior, já que os acessantes em sua maioria relatam que seu percurso escolar chegou até o ensino superior, embora não tenham conseguido concluí-lo, e que conscientizou seu contexto social sobre sua transição durante o ensino superior, enquanto os não acessantes em maioria relata ter apenas o ensino médio completo e ter conscientizado seu contexto social sobre sua transição durante o ensino fundamental.

Aprofundando no ensino superior, as respostas do questionário coincidiram com a ideia de que mesmo os processos seletivos de inserção já se aplicam como demarcadores da exclusão social, pois demandam previamente um lugar social específico que sustente a entrada na universidade⁶.

4. Considerações finais

Durante a realização do nosso estudo percebemos certa escassez na literatura de estudos que abordam o grupo de pessoas trans dentro da comunidade acadêmica, o que dificultou a construção de noções iniciais sobre a problemática. Também, apresentaram-se dificuldades no desenvolvimento do questionário, o que resultou em

perguntas com abertura de interpretação e obstáculos na análise dos dados coletados. Por fim, ouve um choque entre a literatura consultada sobre importância da família e as respostas desse tópico obtidas do questionário.

5 REFERÊNCIAS

- 1 LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Campo Grande, n. 77, p. 70 - 87, 2020.
- 2 VIANA, Carolina; DELGADO, Igor; ROSA, Anderson; NEVES, Vanessa; SIQUEIRA, Lucíola. A vivência de estudantes transgênero na universidade. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, n. 35, ago. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO019666>>. Acesso em 27 jul. 2023.
- 3 NAKAMURA, Eunice; SANTOS, José. Depressão infantil: abordagem antropológica. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, n. 1, fev. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89102006005000011>>. Acesso em 27 jul. 2023.
- 4 PRATTA, Elisângela; SANTOS, Manoel. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n. 2, ago. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>>. Acesso em 27 jul. 2023.
- 5 NASCIMENTO, Silvana. Epistemologias transfeministas negras: perspectivas e desafios para mulheridades múltiplas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 77, dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-149420220311>>. Acesso em 27 jul. 2023.
- 6 LACERDA, Milena; ALMEIDA, Guilherme. Exclusão “da” e “na” educação superior: Os desafios do acesso e permanência para a população trans. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 232 – 247, 2021.